

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-069-8
DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA

Renata Andreolla

Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-graduação em Letras
Passo Fundo-RS

RESUMO: Este trabalho tem como tema a relação da linguagem verbal e não-verbal a partir do livro *A Última Canção de Bilbo*, de Tolkien, que narra em forma de poema a última jornada do personagem principal de *O Hobbit* em busca das Terras Imortais. O objetivo desse estudo é analisar como as ilustrações do livro contribuem para um entendimento completo do poema, além da dependência da linguagem não-verbal e da verbal para a compreensão do poema. Os referências teóricos dessa pesquisa baseiam-se nos estudos sobre literatura fantástica de Todorov (1975); na constituição de signo linguístico de Saussure (2003); Souza (1999) no que se refere aos elementos construtivos da poesia e em Vásquez (2012), sobre experiência estética da leitura. O estudo buscou concluir que essa interdependência das linguagens é importante quando se pensa no livro ilustrado, além de levar o leitor-fã de Tolkien de volta à Terra-Média.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura fantástica; Tolkien; Signo linguístico; Poesia.

ABSTRACT: This work has as its theme the

relation of verbal and non-verbal language from Tolkien's book *The Last Song of Bilbo*, which narrates as a poem the last journey of the main character of *The Hobbit* in search of the Immortal Lands. The purpose of this study is to analyze how the illustrations in the book contribute to a complete understanding of the poem, as well as the dependence on nonverbal and verbal language for the understanding of the poem. The theoretical references of this research are based on studies on Todorov's fantastic literature (1975); in the constitution of linguistic sign of Saussure (2003); Souza (1999) regarding the constructive elements of poetry and in Vásquez (2012) on the aesthetic experience of reading. The study sought to conclude that this interdependence of languages is important when thinking of the illustrated book, in addition to taking Tolkien's fan-reader back to Middle-earth.

KEYWORDS: Fantastic literature; Tolkien; Linguistic sign; Poetry.

1 | INTRODUÇÃO

Falar da relação entre textos escritos e imagens dentro de livros e refletir sobre eles é sempre desafiador. Existem diferentes tipos de textos e diferentes tipos de imagem, e essa multiplicidade torna-se bastante complexa.

Uma das funções da imagem nos livros é elaborar uma memória afetiva no leitor, função essa também exercida pela poesia.

O objetivo desse trabalho é analisar essa relação da linguagem verbal e não verbal presente no livro *A última canção de Bilbo*, escrito por Tolkien em que, o autor narra em forma de poema a viagem do personagem aos Portos Cinzentos. O poema, em tom de despedida e com a presença das ilustrações de Baynes, a ilustradora preferida do autor, compõe uma obra cheia de saudosismo, alegria e tristeza, pelo fim de uma era.

Dessa forma, o artigo foi separado em seções, sendo que na primeira seção são abordados a vida e a obra de Tolkien juntamente com a literatura fantástica, gênero literário no qual as obras do autor fazem parte. Para isso, baseou-se nos estudos de Todorov sobre o fantástico e sobre os subgêneros que o compõem.

Na segunda seção, foram analisados a linguagem verbal e não verbal presente na obra, juntamente com os estudos de Saussure sobre o signo linguístico e a sua importância para a construção de sentido.

Na terceira e última parte do artigo, foram abordados os elementos primordiais para a construção do gênero poesia, sobretudo em poemas, comprovando a literariedade da obra, e como os elementos como rima, aliteração e assonância tornam a Última Canção um poema único, fazendo com que o leitor mergulhe no mundo de Tolkien através do prazer estético do livro.

2 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE TOLKIEN

Desde os tempos mais antigos, o ser humano convive com fatos que, por muitas vezes, são misteriosos segundo as leis naturais. Alguns acontecimentos intrigaram e ainda são estranhos em diversas culturas e sociedades. Histórias, contos, narrativas e lendas perturbam e afetam a imaginação humana, que, continuamente, procura esclarecimentos para aquilo que não se consegue compreender.

Sendo elementos tão presentes nas culturas, a literatura não teria como não abranger temáticas que envolvam mistérios, imaginações e pavores. Há inúmeros contos, poemas e romances que trabalham com o inexplicável, com o sobrenatural e, mesmo não intencionalmente, as algumas lendas acabam sendo inseridas dentro dessas obras, tornando a literatura fantástica.

Dessa forma, a literatura fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela oposição e afinidade entre o que é real e o que é imaginário, suas narrativas apresentam seres e fenômenos sem explicações concretas, porém sempre dentro de um ambiente familiar, real.

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um

produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos. (TODOROV, 1975, p.30/31).

Assim, o fantástico desempenha o papel da incerteza, ou você penetra no mundo do estranho ou no mundo do maravilhoso, pois o “fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. (TODOROV, 1975, p.31)

Essa sensação de ambiguidade em que o fantástico se define em relação aos outros dois gêneros literários com que faz vizinhança – o maravilhoso e o estranho – faz com que esses gêneros se misturem, formando outros subgêneros. Resumidamente, divide-se o fantástico em três subgêneros: o terror, que se aproveita dos elementos próprios da literatura fantástica para provocar um sentimento de medo nos leitores; a ficção científica, que destaca a ciência, fictícia ou não, como responsável pela mudança de atitudes ou ações de seus personagens; e a fantasia, onde o uso de magia, animais que falam e pensam, e outras formas não presentes no mundo real, como orcs, elfos, árvores falantes, anéis com poderes mágicos, são elementos primordiais nas narrativas.

O fantástico provoca, então, segundo Todorov (1975, p.38), “uma integração do leitor com o mundo dos personagens”, e é por isso que quando o leitor mergulha em um mundo habitado por seres mágicos e estranhos, ele permite uma certa descontextualização da realidade, estimulando assim, o senso crítico, além de proporcionar um espaço para a reflexão, com abertura a novas oportunidades acerca do mundo real que está inserido.

Considerado o pai da literatura fantástica moderna, John Ronald Reuel Tolkien foi um escritor inglês, filologista, poeta, e professor da Universidade de Oxford, conhecido por ser autor das clássicas e famosas obras de fantasia, como *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis*, *O Silmarillion*, entre tantas outras. Nascido na África do Sul, mudou-se para a Inglaterra após a morte de seu pai e, quando jovem, serviu na Primeira Guerra Mundial, onde começou a escrever sua obra e seu complexo mundo fantasioso.

Após lutar na guerra, o escritor deu continuidade aos seus estudos linguísticos, tornando-se um conhecido filólogo e especialista em diversas línguas antigas e modernas. De acordo com o site Biography (2016),

Tolkien juntou ao corpo docente da Universidade de Leeds em 1920 e alguns anos mais tarde tornou-se professor na Universidade de Oxford. Lá, ele começou um grupo de escrita chamado The Inklings, que contou entre os seus membros C. S. Lewis e Owen Barfield. Foi também em Oxford, enquanto corrigia um artigo, que ele, espontaneamente, escreveu uma pequena linha sobre “um hobbit”.

A ideia de seu primeiro grande sucesso literário, *O Hobbit*, surgiu em 1928, quando Tolkien ao examinar alguns documentos e outros papéis de alunos, encontrou uma página totalmente em branco e, nela escreveu: “*Num buraco no chão vivia um hobbit*”,

e assim surgiu um dos maiores romances fantásticos da literatura contemporânea: O Hobbit, primeira obra de ficção de Tolkien foi publicada em 1937; e seu famoso romance épico e fantástico O Senhor dos Anéis levou doze anos para ser escrito, sendo publicado em três volumes nos anos 1950.

Baseado nas aventuras de *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*, o poema *A última canção de Bilbo* - Tolkien morreu em 1973 e o poema foi originalmente publicado, como um pôster em 1974, em sua homenagem. Contou com as ilustrações de Pauline Baynes, que além de ser a ilustradora favorita de Tolkien, ilustrando outros livros do autor, foi escolhida por C.S. Lewis para ilustrar os livros de Nárnia – foi escrito originalmente em 1968 e lançado no Brasil no ano de 2013 em formato de livro, narrando, poeticamente, a última viagem do pequeno *hobbit Bilbo Baggins* rumo ao Oeste. O poema é cantado por *Bilbo* nos *Portos Cinzentos*, quando ele está prestes a deixar a *Terra-Média*.

A obra tem como tema principal a passagem da vida para a morte, de forma sutil, pois sabe-se que na *Terra-Média*, os elfos e os portadores dos anéis, deixam suas vidas e as pessoas que os cercam para morar eternamente nas *Terras Imortais*. Em nenhum momento se fala de morte, porém fica claro que quem vai para esse lugar não retorna jamais à *Terra-Média*.

Cronologicamente, situa-se ao final de *O Retorno do Rei*, última parte da saga de *O Senhor dos Anéis* e, apesar de ter sido escrito posteriormente, nunca foi incluído na obra final. Para os fãs, *A Última Canção* é considerada o epílogo da grande obra, por conta da sua narrativa saudosa e em clima de despedida, além das imagens que retratam o melancólico adeus.

3 | QUANDO AS IMAGENS VALEM MAIS QUE PALAVRAS

“E de que serve um livro sem figuras nem diálogos?” (CARROL)

Alice em *O País das Maravilhas*, de Lewis Carrol já havia questionado sobre a falta de imagens no livro. Que benefício teria um livro sem ilustrações? Logo elas que levam os leitores a mundos mágicos e extraordinários responsáveis pela liberação da imaginação, que permitem voar, conhecer, encantar.

De acordo com Manguel (2001, p.21), “as imagens, assim como as histórias, nos informam”. O conhecimento do mundo resulta de um processo onde o vivenciar e o simbolizar se articulam e se completam. O conhecimento de alguns sentimentos e como eles se expressam ocorrem pelo uso de símbolos não verbais. E a ilustração presente em *A Última Canção* é uma das formas que nos leva a reconhecer e expressar sentimentos em relação à *Terra-Média*.

As ilustrações de Pauline que acompanham o poema, contam duas histórias de maneira simultânea: as imagens maiores são baseadas nos episódios finais de O Senhor dos Anéis, em que os portadores do Anel – *Bilbo* e *Frodo* – cavalgam em direção ao Oeste, aos Portos Cinzentos, embarcando em um navio para as Terras Imortais;

enquanto os menores, na parte inferior de cada página, retratam a aventura descrita em *O Hobbit*, onde *Bilbo* se recorda da sua primeira viagem enquanto parte para a última jornada, corroborando com Manguel (2001, p.24), quando ele expressa que “uma imagem dá origem a uma história, que, por sua vez, dá origem a uma imagem”, fazendo, dessa forma, que o livro torne-se um palco de recordações, lembranças e vivências.

De acordo com Vásquez (2012, p.09), “as imagens evocam recordações: quando as miramos, construímos nossas próprias imagens, nossa própria história, nossos códigos e nossa experiência”. É por isso que as imagens, assim como as palavras tem uma grande força, pois, ainda segundo a autora, as imagens “contam com o poder de expressar aquilo que os artistas pensam, sentem e dizem”. (VÁSQUEZ, 2012, p.10)

Em uma obra como essa, que são apresentadas formas e maneiras diferentes de leitura, percebe-se que a imagem ajuda na compreensão daquilo que o verbal não consegue conceituar. É através da ilustração que o leitor encontra sentidos que não podem se dar de outra maneira senão pela própria ilustração. O livro ilustrado, então, ocupa um lugar privilegiado e pode influir sobre a vida afetiva e estética de quem o lê, afinal, “a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel” (BRAIT, 2013, p.88), e o livro é, pois, o ponto de encontro de duas artes: a palavra e a imagem, que unidas formam os signos linguísticos.

O que seria, então, um signo linguístico? Para Saussure (2003, p.80), signo linguístico é a união de “um conceito e uma imagem acústica”. Trata-se de um encadeamento entre esses dois elementos, em que um não existe sem o outro, pois ele é, “uma entidade psíquica de duas faces. [...] em que os dois elementos estão intimamente unidos”. (SAUSSURE, 2003, p.80).

Saussure denominou a imagem acústica como significante, e a materialização do objeto, o conceito, de significado. O signo é assim, então, o resultado da união entre um significante e um significado.

Como a soma do significante mais significado resulta num total denominado signo, temos que o signo linguístico é arbitrário. Para Saussure, arbitrário não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, porque não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (CARVALHO, 2001. p.30)

Um signo, dessa forma, como um todo só tem valor quando ele é posicionado no interior de sistema linguístico determinado, do qual é parte integrante. Como no caso da Última Canção, em que, os signos verbais e não verbais só possuem valor dentro daquele universo, fazendo sentido para o leitor e fã do universo tolkieniano.

A dimensão verbo-visual da linguagem participa ativamente da vida em sociedade e, conseqüentemente da constituição de sujeitos e identidades. Em determinados textos ou conjunto de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do leitor, a percepção e o reconhecimento dessa particularidade. (BRAIT, 2010, p.193)

É por isso que a obra consegue unir tão bem o verbal e o não-verbal. Imagem e palavra se integram para levar o leitor à *Terra-Média*, acompanhando e relembrando as aventuras de *Bilbo*. As ilustrações menores, presentes no livro, servem como uma espécie de notas de rodapé para ilustrar as aventuras passadas pelo pequeno explorador, desde a descrição da sua moradia e o primeiro encontro com *Galdalf*; além de algumas passagens importantes narradas no livro, como, o encontro com os *Trolls*, as aranhas da Floresta das Trevas, as prisões nos salões élficos do rei *Thranduil*, a fuga nos barris, a *Montanha Solitária*, o encontro e a conversa com *Smaug*, a Batalha dos Cinco Exércitos, como percebe-se na Figura abaixo:

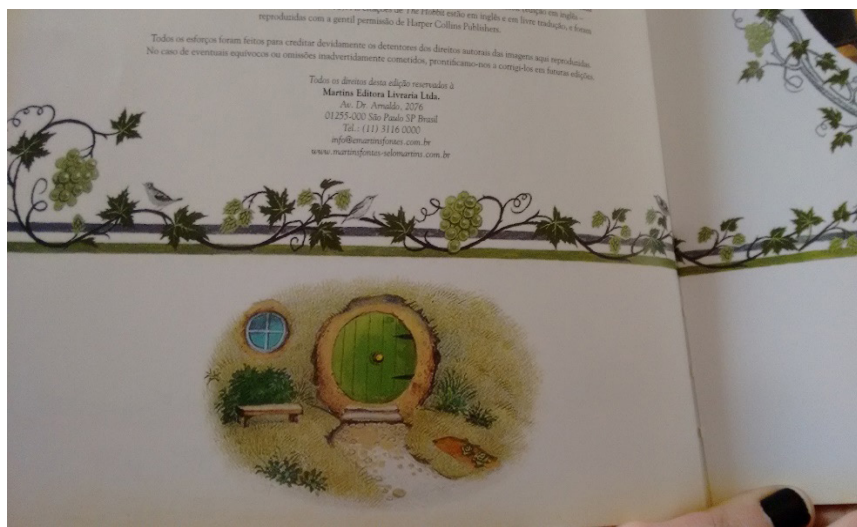


Figura 1

Fonte: Tolkien, 2013.

De acordo com a Figura 1, o leitor é levado para a obra *O Hobbit*, em que Tolkien (2002, p.11) descreve “uma porta perfeitamente redonda com uma janela pintada de verde, com uma maçaneta de latão amarelo brilhante bem no meio”. Cria-se então um conceito e uma imagem acústica ao observar essa imagem e também nomeá-la. Nenhuma outra imagem psíquica para determinar uma toca de um *hobbit* é tão marcante quando essa. “Como espectadores, somos levados a viver a emoção que o quadro desperta, não porque tudo nos seja explicado minuciosamente, mas porque a imagem é a síntese de um sentimento abrangente”. (AGUIAR, 2004, p.32). Um sentimento criado pelo ilustrador do livro e completado pelo poema presente nele.

Já as ilustrações maiores buscam representar o estado emocional de *Bilbo*, além de retratar a sua última jornada às *Terras Imortais*. O livro foi pensado para narrar, imageticamente, a história desde o início, portanto as quatro primeiras grandes imagens baseiam-se numa sequência de eventos que o leitor apenas imagina ter acontecido, mas que, pela lógica, aconteceram, com base na passagem em *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei* em que descreve, pela visão de *Frodo*, como transcorre a viagem.

Então Frodo beijou Merry e Pippin, e por último Sam; depois embarcou; as velas foram içadas, o vento soprou e lentamente o navio se afastou ao longo do estuário

comprido e cinzento; e a luz do frasco de Galadriel que Frodo carregava fαιcou e se perdeu. E o navio avançou para o Alto Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de chuva, Frodo sentiu uma doce fragrância no ar e ouviu o som de um canto chegando pela água. E então teve a mesma impressão que tivera no sonho na casa de Bombadil; a cortina cinzenta de chuva se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa. (TOLKIEN, 2001, p.414)

O formato redondo das ilustrações, como pode ser vista abaixo, na Figura 2, remete à porta da casa de *Bilbo e Frodo*, no *Condado*, fazendo com que o leitor se sinta em uma nova jornada. As árvores que contornam “a porta” podem ser lidas de duas maneiras: uma que, com a ida às *Terras Imortais*, sabe-se que eles vão embora da *Terra-Média*, que vão morrer (se subentende que é uma passagem para a morte). A outra leitura é o passar do tempo, entre as jornadas, um ciclo, já que há mudanças nas árvores e de árvores, com a presença de alguns animais silvestres.



Figura 2

Fonte: Tolkien, 2013.

As ilustrações maiores dão vida as estrofes do poema. Mesmo que não se tenha uma relação, propriamente dita, elas narram a viagem de *Bilbo*, desde *Valfenda* – morada dos elfos – até o final da jornada, quando se avista as Terras Imortais, passando por caminhos mágicos e encontrando amigos de outras aventuras. Quando se termina a leitura do poema, sente-se o que Aristóteles descreve como catarse, que é uma permissão de nos identificarmos com os sentimentos da personagem, das alegrias, das tristezas, da despedida.

Gustavo Bernardo (1999, p.163) chama essa catarse de *insight*, que seria o estalo, a “sensação de compreensão totalizante, [...] como se a emoção tivesse tomado a forma de narrativa e nos devolvesse inteiros, razão e afeto reconciliados”.

É nesse momento que aquela sensação de uma total compreensão, “se esvai por ralo”, e apenas conseguimos nos expressar por clichés, como o famoso: “fiquei sem palavras”.

A literatura, principalmente a poesia, é para ser sentida e vivida. É uma mistura de sentimentos, tanto bons como o prazer, alegria, desejo, admiração, e também de sentimentos nem tão bons assim como medo, ansiedade, tristeza, que penetra através da nossa pele, ouvidos, boca. E no livro, a linguagem não verbal, os signos, tornam o poema mais vívido, colaborando com essa amálgama. E é essa combinação que podemos chamar de experiência estética, uma espécie de conexão entre o leitor, autor, ilustrador e obra. Vásquez (2012, p.38/39) afirma que essa busca pela experiência estética faz com que

[...] sempre nos conectam com nós mesmos, com nossas recordações, com as imagens que nos provocam. Não é apenas para sentir, mas também para reflexão e transformação. A experiência estética nos dá um sentido de estar vivo. [...]. Somos capazes de dialogar com a obra, de questioná-la, de escutá-la e assim, gerar nossas próprias perguntas e imagens, de nos aproximar a ela.

Essa experiência que faz com que nos conectamos conosco mesmo, com nossas lembranças e com as imagens que a poesia nos provoca. É poder refletir sobre nossa vida, sobre nossos sentimentos, nossas conquistas e frustrações, e então, se sentir transformado. Se sentir vivo.

A experiência estética é única para cada ser humano. Para Vásquez (2012, p.33) “nosso inconsciente constrói imagens que podemos evocar através das palavras e da arte”. Dessarte, essa experiência molda cada pessoa de uma forma diferente, pois temos formas diferentes de ver e sentir o mundo. Dessa forma, ler é dialogar. É experimentar. É se solidarizar com o outro e com o que ele expressa e nos surpreender como podemos nos sentir tão próximos de suas imagens, de suas palavras, como visto na Figura 3 que segue:



Figura 3

Fonte: Tolkien, 2013.

Ao se deparar com o livro poético de *Tolkien*, o leitor-fã da saga não tem como não se emocionar ao lê-lo, tanto pela palavra como pelas imagens. A sensação é de

ter em mãos, em apenas 34 páginas, toda magia, toda história narrada nos livros como *O Silmarillion*, *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. O poema leva o leitor a viver a última grande aventura dos pequenos *hobbits* pela visão de *Bilbo* e emociona tanto pela sua delicadeza como pela forma como é contada. Ao tocar pela primeira vez o livro, ou ao ler a última estrofe o leitor-fã não tem como não deixar que as lágrimas rolem pelo seu rosto, pois, naquele momento, o leitor entende que tudo na vida tem um fim. A despedida torna-se inevitável. As personagens se despedem tanto da *Terra-Média* como do leitor.

Assim, ao fazer a leitura verbal e não verbal dessa obra, “o mesmo indivíduo transforma-se em leitor diferente, dependendo do tipo de leitura que está fazendo”. (BRAIT, 2010, p.209). É por isso que a poesia (e também a ilustração) se torna uma espécie de arte que permite exprimir aquilo que está dentro de cada ser humano, como veremos na próxima seção.

4 | AS CANÇÕES NA TERRA MÉDIA

Tolkien sempre foi um apaixonado por poesias. Apesar de ser reconhecido apenas por seus romances, não podemos esquecer uma das suas maiores criações: a língua élfica. Essa língua, como qualquer língua real, também sofreu muitas alterações, tornando-se duas – o *Sindarin* e o *Quenya* – tanto que uma é a língua oficial dos *elfos* e a outra usada apenas em cerimônias especiais. As duas tem em comum o lirismo presente nelas. Seus maiores registros, presentes em praticamente toda a obra de *Tolkien* sobre a *Terra-Média* – *O Silmarillion*, *O Hobbit* e o *Senhor dos Anéis* – são em formas de canções, de poemas. Sempre que um elfo, e quem aprendia essa língua, ia fazer uma homenagem a alguém, ou contar uma fábula, um conto, um evento, se fazia em forma de poesia.

Nunca foi do conhecimento do público a versão élfica d’*A Última Canção de Bilbo*, porém, sabe-se que, depois que ele deu o *Anel* ao *Frodo* e se mudou para um dos lares dos elfos, ele aprendeu a língua deles e escrevia vários poemas em *Sindarin*. E a poesia é considerada poesia em qualquer universo, real ou não, com uma língua fictícia ou existente, desde que se comprove a sua literariedade, e *Tolkien* soube como comprovar.

A poesia, além de poder se expressar usando recursos linguísticos e estéticos, retrata aquilo que está no âmago do autor, do personagem e também do leitor; “no sentido estrito da palavra é o gênero literário caracterizado pelo uso do verso, da linguagem metrificada [...] e se torna sinônimo aproximado de encanto”. (SOUZA, 1999, p.17). Ela difere da prosa através de características bem distintas como os versos (definidos como cada linha do poema); a sílaba métrica e o acento tônico, que sempre recai nas mesmas sílabas, as rimas; a repetição; e a presença da aliteração e assonância.

Asílabo métrica, para Souza (1999, p.21), “será o fonema ou grupo de fonemas que pronunciamos numa só expiração, quando dizemos um verso inteiro”, e complementa dizendo que é necessário “observar o princípio de só se contar até a última sílaba tônica de cada verso.

Na língua portuguesa, por exemplo, a métrica ou medida do verso é constituída da combinação da regularidade do número de sílabas e da disposição dos acentos tônicos. O ritmo do verso é consequência dessa regularidade (ritmo silábico) e dessa disposição (ritmo intenso). (PROENÇA FILHO, 2007, p.62)

N’ *A Última Canção de Bilbo*, os versos não seguem uma única métrica. Há versos com sete, oito e nove sílabas, talvez por conta da presença da autora em, mostrar em língua portuguesa, o uso do melhor arranjo entre palavras que contem a história da mesma forma que o poema original, porém, a metrificação que mais ocorre é em nove versos, chamado de versos eneassílabos.

□

Espu / ma / bran / ca, / on / das cin / zas / do / mar

1 2 3 4 5 6 7 8 9

□

Pa / ra a / lém do / pôr do / sol / eu / vou na / ve / gar

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Se contarmos o agrupamento de versos do poema, a estrofe, temos duas classificações: pela leitura do poema original, temos uma oitava, já que ele possui três estrofes de oito versos cada; ou pela disposição do livro, temos uma parêntese ou dístico, em que a estrofe é composta de dois versos com rimas emparelhadas, pois se sucedem de duas a duas.

Fim do dia, a vista turvada (A)

à minha frente uma longa jornada. (A)

Adeus, amigos! Ouço o chamado. (B)

No muro de pedras, no navio atracado. (B)

E de acordo com a categoria de rimas, podemos dizer que o poema possui rimas ricas, pelo menos na tradução, pois as rimas ocorrem em palavras de classes gramaticais diferentes, como nos exemplos a seguir:

Mas há ilhas sob o sol radiante

que alcançarei antes de seguir adiante;

Espuma branca, ondas cinzas ao mar;

para além do pôr do sol eu vou navegar.

O que chama a atenção no poema são seus dois últimos versos a rima pode

ser considerada preciosa, artifício utilizado pela tradutora, de não se perder o sentido original da canção.

Adeus, afinal, para a Terra-média

Para além do seu mastro, veja a Estrela.

Por falar em tradução, temos que ter claro que, que tradução e o poema traduzido não são as mesmas coisas. A tradução do poema, ou melhor, o poema traduzido foi feito pela jornalista Christine Röhrig, que é especialista em traduções da língua alemã. Assim, para Mauricio Cardozo (2013, p.88), “o poema traduzido não é a tradução. [...] O leitor, diante apenas do poema traduzido, lê o poema traduzido, mas não lê necessariamente a tradução”.

Tem-se a ideia de que o poema traduzido seja apenas uma passagem para o texto original, como se fosse uma forma, um meio para chegar ao poema. É por isso que muitos se desinteressam pelo poema traduzido porque é um texto que fala de outro. Porém, o poema traduzido não é somente isso. Não podemos ignorar que o poema traduzido tem sua própria textualidade, pois há a presença do tradutor nele, fator que não se pode ignorar. Segundo Cardozo (2013, p.89),

Podemos falar do poema traduzido sem falar de tradução: podemos falar de sua textualidade, de sua textualidade enquanto poema, enquanto poema de língua portuguesa, enquanto poema contemporâneo – podemos até mesmo discutir se ele nos parece ou não se sustentar como poema em nossa língua.

E o poema traduzido, mesmo não sendo tão metrificado, não deixa de pertencer à Língua Portuguesa e conter todas as características que fazem dele um poema, e não apenas uma tradução. Assim, o livro leva o leitor a fazer muitas leituras, como ler apenas o poema em língua portuguesa, ler o poema na língua original ou então, lendo os dois e comparando-os, pois, percebe-se, dessa forma, que o livro conta com a presença de dois poemas: o poema original e o poema traduzido.

E o leitor-fã pode fazer vários tipos de leitura com a edição bilíngue, e em todas essas leituras – poema original, poema traduzido, e também pelas ilustrações – a viagem à *Terra-Média* se torna inevitável.

Outra característica da poesia e que está presente no poema analisado é a repetição de fonemas, que, segundo Souza (1999, p.25), “dá-se o nome de aliteração ao recurso rítmico constituído pela repetição de consoantes [...] e a repetição de vogais tônicas chama-se assonância”.

Assim, na Última Canção de Bilbo percebemos que ocorre as duas formas de repetição. No verso, *Escuto a maré em seu movimento*, percebemos que ocorre duas aliterações: em *s* e em *m*. E nota-se também, a presença da tradutora como co-criadora, pois, além dela traduzir o poema, Christine deixa toda a essência da obra original à disposição do leitor e assim, perceber o movimento do barco e ouvir o sussurro do mar. Já no verso, *Fim do dia, a vista turvada*, percebemos uma assonância em *a*. A harmonia e a sonoridade surgem então, no interior do verso, a partir aliteração e ada

assonância, transmitindo a sensação vivenciada pelo personagem principal na sua última aventura.

Ao longo dos tempos, a poesia, mais especificamente o poema, foi usado como demonstração dos mais diversos sentimentos que permeiam o leitor e o autor. O livro, além da presença do poema, tanto no poema traduzido como no original, traz a presença marcante das ilustrações. Ilustrações que contam histórias, que fazem com que o leitor relembra momentos marcantes de toda a saga; ilustrações que se tornam poesia na presença das palavras.

A literatura, onde interagem imagem e palavra, pertence ao reino da ficção. A ficção é o espaço de jogo onde os mundos e realidades alternativas são construídos. Com a ficção podemos imaginar possibilidades infinitas, paisagens, personagens e também nos dá a oportunidade de ver o mundo a partir de vários ângulos. Através da literatura podemos avançar e entender que há muitas verdades e apenas uma. (VÁSQUEZ, 2012, p.53).

O conjunto de letras, palavras, e até mesmo ideias que são usadas para produzir um texto, faz com que o leitor crie imagens ao entrar em contato com uma obra. Quando lemos, imaginamos e construímos um universo pessoal com infinitas possibilidades. As palavras evocam imagens construídas e que nós associamos com as nossas memórias, recordações e histórias pessoais. Quando falamos de imagens e palavras estamos abraçando o mundo, estamos abraçando a cultura, e foi exatamente isso que *Tolkien* e Pauline conseguiram expressar na canção, além da presença marcante de Christine.

Dessa maneira, como na forma de uma canção, *Tolkien* conseguiu finalizar uma das suas maiores obras-primas: a viagem mágica para a Terra-média, que começou com *O Silmarillion* e toda a criação de sua genialidade e terminou através de um poema, narrando, de forma poética, a última jornada do pequeno, porém astucioso, portador do *O Anel*.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de alguma obra de *Tolkien* é sempre desafiador. Sempre se fica com a impressão de que a análise não foi completa, que se deixou de lado algo que poderia ter sido abordado, ou então, a ideia abordada poderia ter um outro estudo, um outro olhar, um outro ponto de vista.

Procurou-se no artigo mostrar toda beleza e encanto do livro ilustrado *A Última Canção de Bilbo*, poema do autor que narra a última jornada do pequeno aventureiro, personagem principal de *O Hobbit*. Além de se ter analisado a importância da linguagem não verbal nesse suporte, trazendo o conceito de signo linguístico de Saussure, investigou-se a importância da relação da linguagem verbal e não-verbal para a construção do sentido, onde imagens e palavras, além de se completarem, fazem com que o leitor-fã do autor mergulhe pelas diversas narrativas sobre a *Terra-*

Média.

Outro ponto abordado foi o poema, a linguagem verbal da canção. A última grande aventura de *Bilbo*, narrada poeticamente, demonstra para o leitor toda a sensibilidade de *Tolkien* ao escrever seus textos. É possível perceber as sensações do personagem ao ler a obra, através da métrica, da aliteração e de todos os elementos pertencentes à poesia. Mas para o fã da saga, a literariedade não altera na produção de sentido, basta o poema ser vivido, ser sentido, produzindo a famosa experiência estética. E isso *Tolkien* sabe muito bem como fazer.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

BERNARDO, Gustavo. O conceito de literatura. In: JOBIM, José Luís. (Org.) **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p 135 – 169.

BIOGRAPHY, 2016. Disponível em <<http://www.biography.com/people/jrr-tolkien-9508428>> Acesso em: 02 abr. 2016.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, Roseli. (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2013. p.79-98

CARDOZO, Mauricio Mendonça. Ler o poema em tradução: relação, continuidade e descontinuidade na tradução. In.: BARBOSA, Márcia Helena S., BECKER, Paulo (Org.). **A poesia que se escreve, a poesia que se lê**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013. p.77-93.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8ªed. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Gêneros literários. In: JOBIM, José Luís. (Org.) **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p 9 – 68.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O Senhor dos Anéis: o retorno do rei**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A última canção de Bilbo**. Ilustrado por Pauline Baynes. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

VÁSQUEZ, Estela. **Imagen y palabra**. Cuadernos de Sala de Lectura, 2012 Disponível em <https://issuu.com/cdocente/docs/cuaderno11_imagenypalabra> Acesso 02 abr. 2016.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

